uraafro

FOTO: RANGEL

ADÃO VENTURA Ferreira Reis, natural da cidade de Santo Antônio do Itambé (1946), antigo município do Serro (MG), é formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.
Em 1973, a convite da *The University of New Mexico,* lecionou Literatura Brasileira Contemporânea nos Estados Unidos. No mesmo ano, participou do Congresso de Escritores Internacionais *(International Writing Program)*, promovido pelo Departamento de Letras da *University of Iowa (USA)*. Seus poemas têm sido traduzidos para diversas línguas, entre elas, alemão, inglês e húngaro.

LIVROS PUBLICADOS:

ABRIR-SE UM ABUTRE OU MESMO DEPOIS DE DEDUZIR DELE O AZUL — (textos / poemas) — Edições Oficina — Belo Horizonte-MG, 1970.

AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO — (textos / poemas) — Editora Comunicação — Belo Horizonte-MG, 1976.

JEQUITINHONHA — POEMAS DO VALE — Edição da Coordenadoria de Cultura — Belo Horizonte-MG, 1980.

A COR DA PELE — Edição do Autor — Belo Horizonte-MG, 1980.
5ª edição - 1988.

ADÃO VENTURA

texturaafro

EDITORA LÊ

Para

Flávia Guerra

Somos duplamente prisioneiros:
de nós mesmos
e do tempo em que vivemos.

Manuel Bandeira

PARTE I

ORIGEM

Vestir a camisa
de um poeta negro
— espetar seu coração
com uma fina
ponta de faca
— dessas antigas,
marca *Curvelo,*
em aço sem corte,
feito para a morte

— E acomodar
no exíguo espaço
de uma bainha
sua dor-senzala.

MOENDA

Que em algum espinhaço eu chegue,
e pegue rédeas — cabrestos
de Rio Vermelho,
Santo Antônio do Itambé,
Coluna ou Mãe dos Homens
e solte espora no ar,
serrabaixo-serracima,
com galope das assombrações
de seu Teodoro da Fazenda,
num puxa-puxa de cana caiana,
a gente moleque
a espreitar noitescura,
colhendo segredos de encruzilhadas.

COMENSAIS

A minha pele negra
servida em fatias,
em luxuosas mesas de jacarandá,
a senhores de punhos rendados
há 500 anos.

CONGADO

Reis e rainhas
príncipes e princesas
não deixem
que minha força
se vá pela correnteza
de mil dúvidas
e nós
travados pela vida
cada vez mais cáustica.

PARTE II

CHICO-REI

& Chico-Rei
chega.
— D'outro lado do mar
está seu império.
— Ele ainda ouve
rufares de tambor
e de congado em seus pés.

— Os escravos
carregam liteiras/lixeiras
para o cabeleireiro,
para o açougueiro,
para o trambiqueiro,
para o contrabandista,
para o fuxiqueiro,
para o traficante.

& Chico-Rei pensa,
matuta:
passos-ante-passos
antepasto
— becos, campainhas,
segredos
ante a seda dos lençóis
e os debruns dos urinóis.

— Bruacas de ouro
saem com destino à Corte.

ESCRAVO ISIDORO

— Foi no mês de junho de 1809
que Isidoro entrou preso no Tejuco.
Era um triste espetáculo.
Vinha amarrado em um cavalo,
cercado de pedestres,
todo ensopado de sangue.

Joaquim Felício dos Santos
Memórias do Distrito Diamantino.

Quebraram-lhe os ossos
pisaram-lhe a carne.
Rasgaram-lhe os olhos
os lábios se uniram
em selo e sinal
arfando silêncio.

Fritz Teixeira de Salles
Dianice Diamantina

É noite,
Isidoro destramela
a porta da senzala
— lua clara,
riscos de nuvens cobrem o pico do Itambé.

Isidoro
sai pé ante pé
— dispara.

Ele sabe dos fios das conversas,
da arenga na boca das catas,
ele sabe onde esconder o ouro
e camuflar o fisco.

O diamante é um sonho
que escorrega pelas mãos.

A rebelião está armada
— meias palavras
— portas fechadas.

Isidoro é chamado,
a chibata come.

— Seu corpo é arrastado
pelas ruas do Tejuco.

ZUMBI

Rei de corpo
e porte
príncipe de guerra
— ilha
de força a açoite.

PARTE III

A história
do negro
é um traço
num abraço
de ferro e fogo.

MENINO DE RUA

Ou
o talvez Zumbi
— menino-tralha
— o palmo-a-palmo
e a disputa de um roto sol
de marquise.

Ou
o talvez Zumbi
— elo e novela
de um discurso murcho,
envernizado de palavras ocas.

Ou
o talvez Zumbi
e seu quilombo urbano
— O pega da polícia
no foge/rock
das esquinas.

AGORA

É hora
de amolar a foice
e cortar o pescoço do cão.

— Não deixar que ele rosne
nos quintais
da África do Sul.

É hora
de sair do gueto/eito,
senzala
e vir para sala
— Nosso lugar é junto ao Sol.

AINDA

Numa senzala
fa
vela

acesa
— marca de ferro
& fogo
chicote de polícia
— lanhos
nos ombros
— garrote em corte
de morte alheia.

PARTE IV

POEMA DA MORTE DE UM PAI

(José Ferreira dos Reis)
(1905 + 1988)

— Que cesse o barulho das enxadas,
das cantigas de eito
— que a madrinha da tropa
interrompa o curso
de seus passos
em territórios do Serro,
Santo Antônio do Itambé,
Baguari, Folha Larga,
Itapanhoacanga
e São Miguel & Almas de Guanhães.

E José,
novamente menino,
descalço, chapeuzinho de palha,
aguilhada na mão
a se encontrar,
com seu Teodoro da Fazenda.

IDENTIDADE

Sebastiana Ventura de Souza
Sebastiana de Minas Gerais
Sebastiana de Minas
Sebastiana de Tal

Vem limpar o chão
vem lavar a roupa
vem enxugar a louça

Vem cantar cantiga
de ninar
para mim.

Fragmentos:
FALA CRÍTICA
sobre Adão Ventura

1

SILVIANO SANTIAGO

Adão Ventura filia-se ao que se poderia chamar — insistindo ao máximo no paradoxo — à tradição ocidental da poesia negra, tradição esta elevada à condição soberana por um Cruz e Souza em pleno movimento simbolista. Isto quer dizer que Cruz e Souza e Adão fazem legítima poesia ao mesmo tempo em que fazem excelente poesia negra.

2

FÁBIO LUCAS

O poeta assume a biografia soterrada por montanhas de preconceitos. Daí, talvez a força com que brota e se manifesta. Adão Ventura faz o lirismo da revolta, um Cruz e Souza às avessas.

3

RUI MOURÃO

A transformação operada por Adão Ventura em poesia se apresenta como das mais radicais. Abandonando a composição de sobrecarga metafórica e de decidido engajamento surrealista, ele partiu para a simplificação, para o discurso direto, seco.

4

CARLOS ANTONINHO DUARTE

Já não mais um *Countee Cullen* para nos emocionar com o *Incidente em Baltimore,* nem mesmo Vinicius de Moraes (Nem debruçar-me sobre mim quando a meu lado/Há fome e mentira;... *Mensagem à Poesia*) para lamentar a *poor mamma Till,* porque Adão Ventura procura as raízes que firmam um grande poeta.

5

ALBERTO SILVA

Adão Ventura, para usar uma frase de Affonso Romano de Sant'Anna, "não joga com vazios de página e espaço exterior. Mas com o espaço interior, com o inconsciente e todos os seus arquétipos. Esse tipo de poesia retorna o poeta enquanto vale no sentido lembrado por Huizinga.

6

HENRIQUE L. ALVES

Um poeta predestinado a ficar como a grande voz do século XX, sintética e objetiva, simples e comunicativa. Ele vem reafirmar um conceito de Senghor quando enfoca a negritude e diz que o poeta precisa ter "o calor emocional que dá vida às palavras.

7

DUÍLIO GOMES

Adão Ventura continua praticando um poema de textura seca, implícita, sem derramamentos. Seu estilo tem provocado seguidores. Sua preocupação formal e de raízes negras fica sendo seu maior trunfo. E por isso tudo ele se destaca em sua geração de poetas brasileiros. Um trabalho *clean*, politicamente correto e expressivo, que já chamou a atenção da crítica nacional para o seu nome e faz com que ele brilhe solitário e imbatível.

8

ELIANA MOURÃO

Adão Ventura tece, na fibra de aço da sua raça, a tessitura forte da poesia diamantina, impregnada do ferro e do ouro que corre nas entranhas dos Geraes para o Universo do Mundo.

9

MANOEL LOBATO

A sensibilidade poética de Adão Ventura — agora salientando a história e as lendas das Minas Gerais — harmoniza-se com a luta de Chico Rei e do escravo Isidoro: a iniqüidade do mundo e o mistério da vida gritam na sonoridade de seus versos.

10

LIBÉRIO NEVES

A Poesia de Adão é cravejada em ferros da nossa História. É forte e descarnada, como convém as suas amarras e vínculos. É Poesia de abalar antigas correntes que ainda se afastam nas almas e nos corações.

PÓ-DE-MICO MACACO DE CIRCO — Literatura Infantil — Edição do Autor — Belo Horizonte-MG, 1985.

PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS

ANTOLOGIA POÉTICA — Editora Interlivros de Minas Gerais - Belo Horizonte-MG, 1976.

CEM POEMAS BRASILEIROS — Editora Vertente — São Paulo-SP, 1980.

MOMENTOS DE MINAS — Coletânea de textos — Vários autores — Editora Ática — São Paulo, SP,

A RAZÃO DA CHAMA — Antologia de Poetas Negros Brasileiros — Seleção e organização de OSWALDO DE CAMARGO — Edições GRD — São Paulo-SP, 1986.

AXÉ — Antologia da Poesia Negra Brasileira — Organização de Paulo Colina — Editora Brasiliense - SP, 1988.

PUBLICAÇÕES NO ESTRANGEIRO

MODERN POETRY IN TRANSLATIONS 19-20 (Uma Antologia de Poetas dos séculos XIX e XX), Edição do International Writing Program — University of IOWA / — IOWA CITY, USA, 1973.

REVISTA NOVA (1) — (Antologia de Poetas do Mundo Hispano-Americano) — Portugal, 1975.

SCHWARZE POESIE — Poesia Negra Antologia — 17 poetas negros — Edition Diá — Alemanha, 1988.

A.V. numa caricatura de Emílio Moura

Adão Ventura mostra, neste *Texturaafro*, a sua produção poética mais recente e comprova o que disse dele a crítica especializada: trata-se de um poeta de muito bom gosto artesanal, substantivo e *clean*. O leitor irá perceber que, mais uma vez, Adão Ventura une sua consciência política e racial a uma linha sempre inventiva e de descobertas formais.

Existem várias alternativas de leitura em sua poética. A que salta mais à vista é exatamente aquela que estimula o leitor a caminhar por um universo metafórico sempre tangendo a vida.

Integrante da geração de escritores mineiros surgidos na década de 60 e capitaneados por Murilo Rubião, Adão Ventura faz da sua poesia um laboratório de pesquisas e um instrumento da paixão.

Mineiro de Serro, Adão Ventura é formado em Direito pela UFMG e atualmente reside em Brasília, DF, onde dirige a Fundação Palmares.

Duílio Gomes